

## **CORRA! E AS RELAÇÕES INTER-RACIAIS NA DIÁSPORA: PARA UMA DISCUSSÃO EDUCACIONAL**

### ***GET OUT! AND INTERRACIAL RELATIONS IN THE DIASPORA: TOWARD AN EDUCATIONAL DEBATE***

Wellington Oliveira dos SANTOS<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto analisa a relação existente entre identidade do homem negro e relações inter-raciais a partir do filme Corra!. O objetivo foi verificar como a identidade do homem negro é subalternizada em um contexto de hegemonia branca. Primeiro são apresentadas considerações sobre identidade e masculinidade negra, com destaque para aspectos de raça e classe. Em seguida, o texto trata de tensões vividas pelos homens negros em relações inter-raciais. A terceira parte é dedicada a uma interpretação do filme, a partir dos pressupostos teóricos, seguida de sugestões para uso em sala de aula. Corra! serve como metáfora para o espaço de subalternidade muitas vezes ocupado pelo homem negro em relações inter-raciais nas sociedades racialmente hierarquizadas, como a brasileira; e portanto pode ser utilizado como texto para discussões em disciplinas de educação das relações étnico-raciais.

**Palavras-chave:** Identidade negra; Relações inter-raciais; Educação.

**Abstract:** *This text analyzes the relationship between black man's identity and interracial relations from the film Get Out. The objective was to verify how the identity of the black man is subalternized in a context of white hegemony. First, there are considerations about identity and black masculinity, with emphasis on aspects of race and class that cross the construction of black men's identity. Next, the text deals with tensions experienced by black men in interracial relations. The third part of the text is dedicated to an interpretation of the film Get Out, followed by suggestions for use in the classroom. Get Out serves as a metaphor for the subaltern space often occupied by black men in interracial relations in racially hierarchical societies such as Brazil; and therefore can be used as text for discussions in disciplines of education of ethnic-racial relations.*

**Keywords:** *Black identity; Interracial relations; Education.*

---

<sup>1</sup> Professor e pesquisador na Universidade Estadual de Goiás – Formosa (UEG). E-mail: wellpsico@gmail.com.

## Introdução

Este texto analisa a relação existente entre identidade do homem negro e relações inter-raciais a partir do filme Corra!. O objetivo foi verificar como a identidade do homem negro é subalternizada em um contexto de hegemonia branca. Parte-se do pressuposto de que a experiência de homens negros nos países das Américas outrora palco de escravidão, como Estados Unidos e Brasil, tem semelhanças quanto às maneiras que encontram para serem aceitos em contextos de hegemonia branca e o modo como são tratados nesses contextos. Por essa razão, ainda que Corra! seja uma produção dos Estados Unidos, ela pode ser analisada e discutida do ponto de vista do homem negro e das relações raciais no Brasil. A discussão pode ser útil para as disciplinas de educação das relações étnico-raciais, uma vez que ao longo da narrativa são apresentados estereótipos do homem negro comuns aos EUA e também ao Brasil; discursos de “igualdade racial”; cobiça e medo do outro.

A análise é feita a partir da perspectiva da Análise Crítica do Discurso (DIJK, 2005), ou seja, uma investigação em análise do discurso que estuda como a linguagem (a fala, a escrita, a imagem, etc.) auxilia a produzir e reproduzir relações de dominação em determinados contextos sociais e políticos, e também como a linguagem pode atuar para resistir às relações de dominação nesses mesmos contextos. Nesse sentido, a análise deste artigo concentra-se “[...] nos modos como as estruturas do discurso põem em prática, confirmam, legitimam, reproduzem ou desafiam relações de poder e de dominância na sociedade”. (DIJK, 2005, p. 20).

O texto é apresentado de maneira didática, tendo como foco estudantes das disciplinas de educação das relações étnico-raciais e afins. São apresentadas inicialmente considerações sobre identidade e masculinidade negra, com destaque para aspectos de raça e classe que atravessam a construção de identidade de homens negros de centros urbanos brasileiros. Em seguida, o texto trata de tensões vividas pelos homens negros em relações inter-raciais. Nas sociedades marcadas pela diáspora negra ou africana, conceito que se refere à imigração forçada de povos negros com escravizados que durou até o século XIX, a subjetividade de homens negros pode ser marcada por um ideal de ego branco e por limitações em sua forma de afetividade. A terceira parte do texto é dedicada a uma interpretação do filme Corra! a partir dos pressupostos teóricos apresentados, e sugestões para atividades em sala de aula.

Como forma de mídia, filmes em sala de aula podem ser usados como auxiliares didáticos. O(a) professor(a) deve estar atento para não deixar a exibição do filme ser encarada como entretenimento (função que está presente nas produções cinematográficas), e sim como instrumento de ensino e aprendizado (MOTTA; FURASO, 2014).

A reflexão com filmes deve habituar os estudantes a interpretar o texto para além da linguagem verbal utilizada. Elementos não verbais como a música que acompanha as cenas, edição de imagens, figurinos e outros detalhes técnicos, conforme Motta e Furaso (2014) também ajudam a contar as narrativas. Para a análise, este texto foca no protagonista e suas relações com os personagens negros e brancos, considerando elementos técnicos verbais e não verbais, como ângulos e enquadramento de câmera, a música e cenários (que podem refletir estados emocionais).

### **Considerações sobre identidade e masculinidade negra**

Parte-se do pressuposto de identidade como um processo, não como uma essência. Identidade, mais que uma construção pessoal, também é construída na interação dos sujeitos com contextos sociais que incluem relações de poder baseadas em raça, classe social, gênero, entre outras. O texto compartilha a visão de Pinto e Ferreira (2014), quando afirmam que identidade é aquilo que “está”:

Ao tomarmos os processos identitários como categoria de análise, partimos da premissa que discutir identidade é discutir transformação, uma vez que comungamos com a ideia de que não há como pensar em uma identidade definitiva, estável, ou seja, aquilo que *é*. Em nossa visão, identidade é ação, processo dinâmico, histórico e político; em detrimento daquilo que *é*, concebemos identidade como aquilo que *está*. (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 261, *itálico no original*).

Identidade enquanto transformação, e no caso dos negros brasileiros, suas identidades cedo ou tarde tendem a ser marcadas pelo racismo, pois estão em uma sociedade que coloca o branco como ideal de beleza, razão e humanidade. Além disso, o mito da democracia racial (a ideia de que as relações étnico-raciais brasileiras são harmoniosas), e as manifestações encobertas de racismo, impedem os negros de compreenderem as relações históricas de poder existentes (PINTO; FERREIRA, 2014).

A identidade negra no Brasil é associada à aparência, ao fenótipo, a partir do julgamento do outro, branco:

Ao negro sempre recai um olhar que lembra que ele é negro, isto é, o fato de ser negro nunca é esquecido e todas as suas inúmeras outras características são postas de lado diante da lembrança de sua pertença racial. Ele é, antes de tudo, negro. Qualquer coisa que faça está vigiada pelo fato de ser negro. Isso não acontece com o branco. Como padrão de normalidade, sua identidade não é questionada. (PINTO; FERREIRA, 2014, p. 262).

Essa identidade racializada é aprendida na família (socialização primária), nos bancos escolares, na mídia, e nas relações com os pares. A identidade branca (europeia) é tratada como superior (PINTO; FERREIRA, 2014). Entretanto, na última década, graças aos esforços de movimentos negros organizados e intelectuais, a identidade negra passou a ser valorizada; também graças às políticas de ações afirmativas na educação, tais como as políticas de acesso ao ensino superior e a instituição do ensino de História e Cultura Afro-brasileira. Tais políticas reforçam e valorizam a história e a ancestralidade do negro.

A identidade do homem negro também apresenta as marcas sociais da masculinidade. Aqui o texto pressupõe a masculinidade, construção social, enquanto conjunto de comportamentos e papéis atribuídos socialmente aos homens. Ser homem no discurso do senso comum é ser o provedor, viril e que não se deixa levar pelas emoções. Muitas vezes a masculinidade é construída em oposição ao estereótipo do feminino: ser homem é não ser mulher, o que em nossa sociedade é não ser frágil, fraco e dócil.

No caso da masculinidade negra em países outrora marcados pela escravidão, a mesma é atravessada pelos estereótipos do homem negro exótico, viril, selvagem, violento (FANON, 1974), alívio cômico. Todos esses estereótipos estão relacionados a animalidade, isto é, a aproximação do homem negro as feras, sendo naturalmente incontrolável. Ao homem branco a masculinidade reserva mais facilmente as características de liderança, intelectualidade, pai de família e provedor.

Essa construção em torno dos homens negros tem nefastos efeitos sociais e a masculinidade negra também é atravessada por questões de classe social, uma vez que os negros estão em piores condições no acesso a empregos, moradia e educação que os brancos. Aqui o texto tem por foco o homem negro dos centros urbanos brasileiros<sup>2</sup>. Devido às peculiaridades do racismo, é provável que homens de cidades pequenas ou comunidades rurais tenham outras formas de viver sua masculinidade.

---

<sup>2</sup> O texto parte da perspectiva de um homem negro de periferia.

Entre os problemas do negro brasileiro está a violência direcionada ao seu corpo. Por exemplo, o “Atlas da Violência de 2017”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2017), apontou que entre 2005 e 2015, a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 eram negras. Os negros possuíam chances 23,5% maior de serem assassinados em relação aos brancos. Pode-se falar que o medo da violência é uma constante entre os homens negros periféricos.

Em uma sociedade que valoriza status, poder e riqueza, os homens negros, em piores condições que os homens brancos e mulheres brancas, buscam estratégias de sobrevivência. Crescendo muitas vezes em contextos de pobreza, a sobrevivência pode vir pela força. A sala de aula não parece atrativa o suficiente, pois adquirir o jeito de falar das camadas médias, que tendem a ser impostas na educação por meio do “português padrão”, o deixaria em posição de ameaça aos valores de masculinidade que circulam entre os homens negros de periferia. Para sobreviver é preciso demonstrar força.

Por isso, de acordo com Custódio (2017) o homem negro precisa repensar seu espaço na escala de opressões e privilégios da sociedade. O corpo sexualizado, o fetiche, esses não deixam de ser colocados nos homens negros, sejam eles heterossexuais ou homossexuais, e o que pode ser considerada vantagem, do ponto de vista da conquista, pode estar reforçando estereótipos (CUSTÓDIO, 2017). Assim como é preciso pensar como os homens negros tratam as mulheres – especialmente as mulheres negras. Isso vale além da “palmitagem” (gíria geralmente usada de maneira negativa para se referir a prática de homens negros que se relacionam apenas com mulheres brancas), argumenta Custódio (2017): é considerar qual autoimagem os homens negros constroem deles mesmos.

Vale destacar que a discussão sobre masculinidade negra ocorre justamente a partir da reflexão do feminismo negro (CONRADO; RIBEIRO, 2017). O pensar mobilizado de mulheres negras na sociedade trouxe para o palco de discussões o homem negro, aquele que está em posição de subalternidade diante de brancos e brancas, mas que pelo patriarcalismo e machismo está acima da mulher negra em termos de status social.

### **O homem negro e as relações inter-raciais**

Existem diversos estereótipos com relação ao homem negro no Brasil e um dos que mais circulam é o do jogador de futebol, cantor ou famoso em geral que saindo da pobreza relaciona-se com mulheres brancas. Também é comum usar tais exemplos como prova de que no Brasil relacionamentos entre brancos e negros são harmoniosos.

Mas por mais que o senso comum aponte para a alta frequência de mistura racial brasileira (que foi considerada durante décadas prova de inexistência de racismo), a maior parte dos casamentos ocorre entre pessoas da mesma raça/etnia. De acordo com o Censo do IBGE de 2010 (DO RIO, 2012), 75,3% dos homens brancos e 73,7% das mulheres brancas casavam-se (união civil, religiosa, ou consensual) com pessoas da mesma raça; 24% dos homens brancos tinham união com mulheres negras<sup>3</sup>; 25,7% das mulheres brancas tinham união com homens negros. No caso dos negros, entre os homens pretos, 26,4% tinham união com mulheres brancas, 72% tinham união com mulheres negras; entre as mulheres pretas, 25,5% tinham união com homens brancos, 73,2% de união com homens negros. Entre os homens pardos, 26,1% tinham união com mulheres brancas, 72,9% tinham união com mulheres negras. Entre as mulheres pardas, 24,4% tinham união com homens brancos, 74,9% tinham união com homens negros. Telles (2003) argumenta que existe um forte componente de classe social nas interações entre negros e brancos no Brasil. Por exemplo, na classe média o baixo número de negros limita as interações com os brancos, enquanto que nas camadas mais pobres, de maioria negra, a interação entre negros e brancos é mais frequente. Ainda assim, em comparação com países como Estados Unidos, é possível afirmar que a mestiçagem é uma realidade, principalmente nas camadas mais pobres da população (TELLES, 2003).

No Brasil, ser negro é uma desvantagem socialmente percebida; e de acordo com Telles (2003) em casamentos inter-raciais geralmente o conjuge negro tem condições socioeconômicas superiores ao branco. Para o autor, é como se a desvantagem do status social inferior, ou o estigma da cor de pele, como diz Goffman (1988), fosse amenizado com a situação financeira. Telles (2003) também destaca que na pirâmide racial brasileira, com homens brancos no topo, seguido de mulheres brancas, homens negros e

---

<sup>3</sup> Aqui, grupo “negro” = soma dos grupos preto e pardo da população. O texto optou por deixar as diferenciações entre preto e pardo quando a análise foca cada um desses grupos separadamente, pois é significativa a análise de como o *continuum* de cor entre branco/negro influencia na escolha de relacionamentos, como diz Telles (2003).

mulheres negras, seriam essas últimas as com maior desvantagem nos relacionamentos. Isso piora quanto mais escura for a cor da mulher negra.

A suposta ascensão social de homens negros que se casam com brancas não tira o estigma de que são negros (GOFFMAN, 1988). Ainda tendem a ser vistos como inferiores pela sociedade, muitas vezes como “não pessoas”, como diz Goffman (1988) sobre o estigma: aqueles que não têm voz para reivindicar seus direitos. Além do sacrifício com relação a ter um status socioeconômico superior, existe o caso dos homens negros que se submetem a relações inter-raciais e abrem mão de elementos que fazem parte de sua identidade. Isso não significa que todos os casamentos inter-raciais são desse modo; é provável que a maioria seja saudável do ponto de vista de identidades negras e brancas em interação. O que no presente artigo é exemplificado com o filme é o caso do homem negro que muitas vezes abre mão de sua identidade negra, por escolha ou pressão externa, quando em um relacionamento inter-racial.

Em uma obra clássica dos anos 1980, Souza (1983), afirmando a necessidade de um discurso sobre ser negro em uma sociedade hegemonicamente branca e suas consequências afetivas (discurso esse escrito pelos próprios negros) expõe parte das vicissitudes da identidade negra em ascensão social. A análise da autora é relevante para o contexto atual, pois como diz Santos (1984) o racismo de status brasileiro tende a se manifestar com mais força em espaços de disputa por poder e quanto mais um negro ascende socialmente, maior a disputa. No presente texto entende-se poder, em análise das relações raciais no contexto capitalista, como espaço e malha de relações sociais de exploração/dominação/conflito articuladas em função e em torno da disputa pelo controle dos meios de existência social, como define Quijano<sup>4</sup> (2005), o que inclui disputa pelo controle do sexo e da subjetividade. Isso indica que em uma sociedade racialmente hierarquizada relacionamentos inter-raciais podem ser marcas de ascensão social.

Partindo de uma perspectiva psicanalítica do ser negro em uma sociedade racializada, como autores influentes que seguiram o mesmo percurso, como Fanon (1974), Souza (1983) afirma que no Brasil em muitos casos os negros em ascensão

---

<sup>4</sup> “[O poder é] o espaço e uma malha de relações sociais de exploração/dominação/conflito articuladas basicamente, em função e em torno da disputa pelo [controle dos meios de existência social]” (QUIJANO, 2005, p. 76). São esses meios: 1) o trabalho; 2) recursos naturais; 3) o sexo; 4) a subjetividade; 5) a autoridade/coerção.

social precisam lidar com um ideal de ego (ou ideal de eu) branco. Isso significa que tomando o branco como referencial de comportamento, valores e subjetividade, o negro expurga sua identidade negra. Como afirma Souza (1983), realizar o ideal de ego é uma exigência imposta pelo superego. O negro então tende a se afastar de elementos que evocam a identidade negra, como história, cultura, família e amigos (SOUZA, 1983).

Em uma sociedade que valoriza o civilizado e tende a considerar o modelo europeu como máximo de civilização, mesmo características associadas ao homem negro que são consideradas superiores aos homens brancos, como força física, virilidade sexual e ginga, são associadas a animalidade, o que o torna inferior ao modelo ideal (SOUZA, 1983).

Diante da possibilidade de escalada social em contextos de poder ou hegemonia branca, o negro pode buscar estratégias e Souza (1983) elenca algumas delas, que este texto considera útil para análise da identidade do homem negro: 1) ser o melhor; 2) perder a cor; 3) negar as tradições negras; 4) não falar no assunto.

A primeira estratégia é uma questão direta de luta por poder. Já que não pode ser branco, o negro busca compensar sendo o melhor no que faz, seja no campo intelectual, no trabalho, na riqueza material. É uma compensação imposta inconscientemente pelo ideal de eu branco, argumenta Souza (1983). Para ser aceito, o negro busca a perfeição – e sabe que nessa busca, ao alcançar o mundo de poder, onde a maioria é branca, estará sempre sob vigilância em suas ações. O negro também pode acabar sucumbindo a esse ideal, admitindo não conseguir realizar essa perfeição, o que pode resultar em depressão, conformismo ou submissão ao mundo dos brancos. A segunda estratégia é perder a cor. O estigma da cor de pele (GOFFMAN, 1988) não deixa de ser percebido pelos brancos, mas o negro em ascensão pode deixar de falar sobre si mesmo como negro – deixar de destacar a própria cor, que é ponto necessário em sua identidade negra. A terceira estratégia é negar as tradições negras. Tradições como a religião, aspectos da linguagem e roupa, que são associadas à identidade do negro. Ao negar as tradições também existe a negação da família negra e amigos. A quarta estratégia é não falar no assunto. O assunto, no caso, são os conflitos que fazem parte das relações entre negros e brancos no Brasil (SOUZA, 1983). Ou seja, o negro para ser aceito decide não falar em racismo.



Esse homem negro, munido de tais estratégias, pode ver em seu parceiro um modo de atingir o ideal de branco que carrega. Pois mesmo que se afaste do mundo negro, seu corpo escancara a impossibilidade de atingir o ideal de corpo que lhe foi imposto pela sociedade – o que pode indicar a impossibilidade de felicidade para esse homem negro, sempre incompleto, sempre preso em si mesmo. Reis Filho (2005) fala de uma escravidão social inscrita no psiquismo dos negros, herança da escravidão corporal. Chama essa de escravidão psíquica. Enquanto que na escravidão corporal, o corpo é posse de um senhor, literalmente uma mercadoria, na escravidão psíquica a introjeção do ideal de eu branco torna o negro escravo psíquico de um senhor que não pode ser combatido como nas revoltas quilombolas ou lutas físicas. Um inimigo interno, que tem força suficiente para causar sofrimento durante sua existência.

O sofrimento também decorre do medo de amar de verdade. bell hooks<sup>5</sup> (2000) fala da dificuldade das pessoas negras, particularmente mulheres negras, em expressar sua afetividade. Durante a escravidão física, não demonstrar afetividade, segundo a autora, era uma forma útil de sobrevivência diante da dominação branca (HOOKS, 2000). Com o término da escravidão, a demonstração de afetividade continua a ser limitada entre negros e negras, mesmo dentro de suas famílias, pois permanece a ideia de que é um sinal de fraqueza.

Da perspectiva de um homem negro de periferia que este texto adota, analisando o contexto dos homens negros em países como Brasil, homens negros demonstrando afeto (como chorar de tristeza, dor, ou ser muito carinhoso) tendem a ser ridicularizados, pois isso demonstraria fragilidade. Quando bell hooks (2000) alerta para a reprodução das relações senhor-escravo nos relacionamentos das pessoas negras, também se refere a essa frieza para com o próximo e consigo mesmo. Isso é aprendido nas relações entre os pares da mesma idade, durante infância e adolescência. “Eu durmo pronto pra guerra/ Eu não era assim”, diz os versos da música Vida Loka II dos Racionais MC’s (RACIONAIS MC’S, 2002). É como se a figura do senhor de escravo estivesse presente internamente para punir qualquer comportamento inapropriado.

Quando relações raciais são analisadas no mundo da diáspora imposta aos negros, também é necessário destacar o espaço ocupado pelos brancos. A própria categoria negro no Brasil (e em outros países da diáspora) é construída também pelo

---

<sup>5</sup> A filósofa Gloria Jean Watkins adota seu pseudônimo em letras minúsculas. Disponível em: < <https://www.geledes.org.br/o-empoderamento-necessario/> > . Acesso em: 17 abr. 2018.

olhar do branco, o “eu” que projeta muitas coisas (geralmente negativas) nesse “outro” (CARONE, 2003).

De acordo com Carone (2003), na sociedade brasileira geralmente um branco é tão somente o representante de si mesmo, um indivíduo (a raça não faz parte dessa individualidade no olhar do outro). Um negro representa uma coletividade racializada em bloco – cor e raça é ele mesmo, no olhar do “eu” branco. Raça tende a ser usada como estigma, como diz Goffman (1988). A construção de estigmas acontece com a categorização das pessoas em sociedade. O sujeito que carrega o estigma é um “outro” social e que é tratado no discurso como se não pertencesse a humanidade (GOFFMAN, 1988).

A branquitude garante privilégios ao branco, já que de acordo com Bento, analisando o processo de branqueamento, real ou simbólico, que o negro utiliza para se aproximar do branco, “[este] pouco aparece, exceto como modelo universal de humanidade, alvo da inveja e do desejo dos outros grupos raciais não-brancos e, portanto, encarados como não tão humanos”. (BENTO, 2003, p. 25). Quando o branco toma a si mesmo como padrão de humanidade, de razão, exerce parte de seu narcisismo. Esse narcisismo pode ser visto na supervalorização do corpo branco feita pela mídia brasileira que, em seus jornais, novelas, seriados e mais recentemente programas exibidos na internet, usam quase que exclusivamente pessoas brancas, mesmo sendo a população brasileira composta de mais da metade de pretos e pardos.

No próximo tópico é apresentada uma interpretação do filme *Corra!* a partir dos pressupostos teóricos apresentados.

### **Análise do filme *Corra!***

Lançado em 2017, o filme *Corra!* (título original em inglês: *Get Out*) do diretor, roteirista, ator e comediante Jordan Peele, alcançou grande sucesso de crítica e público. Foi premiado com o Oscar de melhor roteiro original em 2018 e arrecadou mais de 252 milhões de dólares, o que fez dele, com orçamento de 4,5 milhões de dólares, o mais lucrativo em 2017 (MELO, 2017).

O filme trata-se de um terror psicológico de pouco mais de uma hora e meia de duração, no qual o personagem principal, jovem homem negro Chris Washington, está em um relacionamento inter-racial com uma jovem branca de família rica, Rose

Armitage, e ao visitar a família da moça pela primeira vez, supostos progressistas em questões de raça, acaba sendo vítima de uma tentativa de apropriação do seu corpo.

Ainda que o filme apresente diversos temas relevantes para o debate das relações étnico-raciais, tais como o racismo velado, a situação dos negros estadunidenses na era pós Obama e a relação raça-classe, neste texto o foco é o relacionamento de Chris, homem negro, com Rose, mulher branca, os Armitage (a família da moça) e a construção da identidade do homem negro.

O filme começa com o personagem Andre “Dre”, negro na casa dos vinte anos, caminhando à noite em uma rua deserta do subúrbio. Ele fala ao celular, preocupado em encontrar um endereço. Quando surge o carro branco desconhecido, Dre parece incorporar o temor do jovem negro em um espaço de classe média branca: ser vítima de violência, seja por ser considerado suspeito, seja pela sua simples presença (a sensação de não pertencimento). Como argumenta Goffman (1988) quem tem o estigma parece sempre alerta para algum tipo de desafio.

Esta sequência, na qual Dre é raptado, estabelece o contexto para a apresentação do personagem principal Chris, jovem fotógrafo negro. Ele aparenta passividade diante de sua namorada branca. Parece aceitar ir para a casa dos Armitage não por desejar isso, e sim para agradá-la. De certa maneira, enquanto Dre fora raptado contra sua vontade, Chris é raptado por livre e espontânea vontade. Aqui o homem negro que cede a mulher branca, contra todos os indícios de que não é uma boa ideia, reproduz a relação de dominação senhor branco-escravo como argumenta bell hooks (2000). A mulher branca, nesse caso, está na dominação.

A metáfora do rapto do corpo negro é interessante. Pode-se remeter o rapto de Dre por um veículo branco (as cores dos veículos têm significado nesse filme) (PEELE, 2018) como simbolizando o rapto de milhões de africanos, pelas mãos de europeus para trabalharem como escravos nas Américas.

Os sentimentos para com Rose impedem Chris de reagir aos constrangimentos com a família Armitage. O jovem parece conter-se para não passar uma imagem ruim, mesmo diante das conversas estranhas do pai ou da mãe da moça, ou quando o irmão dela ameaça-o fisicamente. Pode-se partir da interpretação de Souza (1983): o personagem principal, no contexto de hegemonia branca, prefere não falar no assunto. Também pode-se partir da noção de “não pessoa” de Goffman (1988), uma vez que o

estigma retira de seus portadores o direito a serem ouvidos como pessoas, Chris pode estar acostumado a não ter suas opiniões ouvidas entre os brancos.

A narrativa apresenta detalhes que permitem ao espectador identificar a personalidade de Chris. Sujeito quieto, de sorriso tímido em situações incômodas, demonstrando certa resignação (em momentos como quando o policial pede sua documentação, mesmo não sendo ele o condutor), ele parece estar em sofrimento. O filme explicita que Chris fora criado pela sua mãe e que carrega a culpa pela morte da mesma. O fato de ser fotógrafo, com destaque para imagens em preto e branco, pode ter relação com a busca inconsciente em congelar momentos de maneira eterna – como quem sabe poderia ter feito e evitado a morte da mãe.

A carência afetiva da mãe faz com que Chris tenha dependência da relação com Rose. Parte da consciência de Chris parece perceber isso, e tenta “sair fora” (*get out*, em inglês) do relacionamento várias vezes, seja antes de ir para a casa da família Armitage, quando diz “Eles sabem que sou negro?”, seja na primeira noite “Eu te avisei”, quando comenta sobre o tratamento que recebe dos Armitage, seja depois do incidente em que Dre surta. Também o melhor amigo de Chris, Rod, homem negro mais velho (que funciona como figura paterna, superego, e alívio cômico na narrativa), alerta-o do perigo desde o início do filme. Rose, por sua vez, sabe que Chris não gosta de lidar com perdas, principalmente de figuras femininas; a jovem manipula a situação quando ele pensa em finalmente deixar o local.

Aqui um parênteses para comparar a relação de Chris e Rose com outra relação inter-racial no filme, de Dre com a senhora branca. Este casal entra na narrativa com os personagens brancos em limusines pretas, o que o diretor do filme diz ser uma metáfora de como os corpos negros são usados pelos brancos no filme (PEELE, 2018). A cena tem seu ápice quando Chris tentar encontrar um igual na multidão, mas o que encontra é um negro de alma branca – metafórica e literalmente. Metaforicamente porque nessa cena Dre se veste, fala e se comporta como homem branco, muito diferente do modo como aparece no início do filme. Literalmente porque quem controla o corpo de Dre é a personalidade de um homem branco. Enquanto Rose busca de manipulação sentimental para manter o corpo de Chris por perto, a senhora branca, mesmo com Dre já possuído pela personalidade de um homem branco, o trata como empregado, e o modo como o mantém sob vigilância constante é quase como se fosse um objeto na mão de uma

criança – não um companheiro. No primeiro caso, sutileza no controle do corpo; no segundo caso, força bruta. Em ambos os casos, o negro é afastado de seu contexto de negritude e sua família, rumo ao embranquecimento, negando as tradições negras (SOUZA, 1983). Tanto é que para a comunidade negra, Dre é dado como desaparecido; e Chris, no jogo de Rose, é afastado de seu melhor amigo negro.

É interessante que essa sequência do jardim começa com a câmera do ponto de vista de Chris, ao ver o local cheio de pessoas brancas e ricas, admirando-o do alto de seus privilégios de branquitude (BENTO, 2003). A taxa de branquitude, conceito usado por Silva (2005), ao analisar a relação entre personagens brancos dividido pelo número de personagens negros na mídia brasileira<sup>6</sup>, é propositadamente enorme, até mesmo considerando a participação de negros na população dos Estados Unidos, para mostrar a solidão do homem negro diante de brancos que o tratam como troféu ou animal exótico, uma vez que a ele são direcionados vários estereótipos, como o do negro forte, o negro atleta de alto nível ou do negro sexualmente bem dotado que foi conquistado pela mulher branca.

Voltando ao personagem negro principal, ao permanecer na residência, descobre a armadilha dos Armitage. Os olhos de Chris revelam que o maior golpe ocorre quando constata que Rose faz parte do plano. Desde o início, os Armitage interagem com o jovem negro por meio de estereótipos conhecidos com relação ao homem negro (projeções do eu branco em direção ao outro negro) (CARONE, 2003). O pai espera que Chris seja bem humorado, quase cômico. O irmão espera que Chris seja um atleta vigoroso; chega a lamentar o mesmo não usar seu corpo para isso. A mãe psiquiatra vê Chris como um objeto a ser dissecado. Entretanto, Rose parecia estar ao lado de Chris em todos os momentos de constrangimento. Descobrir que estava realmente sozinho foi frustrante.

A cena em que Chris aparece amarrado diante de um aparelho de televisão antigo tem a função de revelar que os Armitage fazem parte de uma ordem secreta conhecida como “*The Coagula*”. Esse grupo de pessoas brancas e ricas busca a imortalidade implantando suas personalidades em corpos negros, a maioria homens negros, uma vez que Rose, mulher branca, serve como isca. As personalidades dos

---

<sup>6</sup> De acordo com Silva (2005), na mídia brasileira, o número de personagens brancos tende a ser muito superior ao número de personagens negros, bem distante de representar a realidade da população negra e branca no Brasil.

negros continuam a existir, porém apenas como passageiros do próprio corpo, sem poder reclamar de sua condição de escravos, quase uma prisão psíquica (REIS FILHO, 2005). Ocorre aqui uma inversão do que Fanon (1974) chama de peles negras, máscaras brancas: se o negro muitas vezes abre mão de sua história e cultura, em uma aproximação ao mundo dos brancos, para ser aceito com a máscara branca, os brancos ricos de Corra! usam corpos negros porque está na moda. Como diz Bento (2003), em sua branquitude enxergam os negros como não tão humanos, portanto não veem problema em se apropriarem de seus corpos. Mas assim como os brancos que usam a roupa de nega maluca ou *black face*, jamais poderão constatar qual é a real experiência negra em uma sociedade hierarquicamente racializada.

A cena também pode ser interpretada como uma metáfora da mídia televisiva, e por extensão a grande mídia como um todo, que compartilha imagens hegemonicamente de pessoas brancas e suas famílias, enquanto do outro lado da tela, sentados nos sofás, pessoas negras e de outros segmentos étnico-raciais assistem, sem muita opção. Assim como os Armitage apresentam a conversão de corpos negros para propósitos brancos (praticamente um branqueamento psicológico) como algo que será benéfico para os negros, a mídia tende a apresentar os valores brancos de classe média como benéficos para todos os brasileiros.

Para fugir do cativeiro, Chris tapa os ouvidos com algodão retirado do sofá; na cena o algodão é símbolo do trabalho feito pelos negros nas fazendas de algodão no período escravista dos Estados Unidos (PEELE, 2018). Na fuga, mata o pai, a mãe e o irmão de Rose. Mas não mata a empregada doméstica negra; tenta até salvá-la, esquecendo que a mesma está com a personalidade de uma mulher branca, provavelmente para não cometer o mesmo erro que julga ter cometido com sua mãe. Interessante que Georgina, a empregada negra, é a única personagem da narrativa que consegue expressar, com suas lágrimas, que está presa com a família Armitage, quase um alerta para Chris.

No desfecho, após ser salvo por um homem negro que era mais um criado lobotomizado na casa (que prefere a morte a continuar nesta condição de cativo), Chris hesita em matar Rose, pelo elo emocional que possui com a jovem. Quando avista as luzes de um carro policial na rua, o olhar de Chris sugere medo, uma vez que ele, homem negro, sabe que tende a ser tratado pela polícia como “não pessoa”, sem voz

para defender seu ponto de vista (GOFFMAN, 1988) e dificilmente conseguiria convencer a polícia da violência que sofrera. Para sua sorte, o jovem é salvo pelo seu melhor amigo, que como bom representante paterno diz: “Eu te avisei”.

Pode-se dizer que a identidade de Chris, enquanto processo (PINTO; FERREIRA, 2014), chega ao final da narrativa diferente do modo como começou. Ele sai de uma situação de extrema passividade diante do mundo dos brancos para construir sua liberdade, seja do passado que o escraviza (suas memórias para com sua mãe), seja dos opressores do presente.

### **Reflexões para sala de aula**

Nas disciplinas de educação das relações étnico-raciais, que vão ao encontro da Lei n. 10.639/03, atividades em sala de aula que utilizam produções culturais negras são formas de valorização da voz e da identidade dos afrodescendentes. Como em trabalho anterior (SANTOS, 2018) este texto apresenta um tópico de sugestões que tem por função instigar reflexões para a elaboração de atividades a partir do filme.

Corra! possui linguagem que pode causar estranhamento e até certo desconforto, principalmente no quesito violência. Não é aconselhado usá-lo antes de uma discussão teórica sobre raça, racismo e relações raciais nos países da diáspora e os espaços ocupados por homens negros e mulheres negras.

Tal discussão deve ser acompanhada de dados estatísticos segregados por cor ou raça em espaços de poder, como educação, mercado de trabalho e política, uma vez que os estudantes trazem muitas vezes visões de senso comum impregnadas pelo mito da democracia racial. É preciso destacar que a noção de poder aqui utilizada é relacionada ao poder de um grupo como um todo, e não de indivíduos isolados (DIJK, 2005). Por exemplo, ainda que existam negros que conseguem sair de condições de pobreza para ascensão social em espaços de poder como o ensino superior, a maioria do grupo negro está em desvantagem em relação aos brancos que partem das mesmas condições sociais no acesso a graduação.

Muitos estudantes provavelmente já conhecem o filme; cabe então guiar o olhar antes da exibição, o que pode ser feito com questões:

- Quem são os personagens principais?
- Onde se passa a narrativa (tempo e espaço)?

- Que estilo de música é usado?
- O cenário utiliza quais elementos? Quais as roupas dos personagens?
- Qual o espaço ocupado por homens negros?
- Qual o espaço ocupado por homens brancos?
- Qual o espaço ocupado por mulheres negras?
- Qual o espaço ocupado por mulheres brancas?
- Quais valores de negritude estão presentes?

Após a exibição, a partir das questões e suas respostas (de preferência em pequenos grupos), reflexões acerca da identidade negra podem ser feitas:

- Quais as consequências da hierarquia racial para as relações entre negros e brancos no Brasil?
- Que transformações a identidade do personagem principal passa durante a narrativa?

Pode ser interessante também tecer comparações com produções do cinema brasileiro e as condições de produção cultural que o país possui. Quantos diretores negros famosos existem no Brasil? Quantos roteiristas? São sugestões que podem ser desenvolvidas em módulos. Cabe ao docente adequar questões as necessidades de sua turma.

### **Considerações finais**

Os homens negros têm identidades atravessadas por questões de raça, classe social e gênero, em diferentes contextos sociais da diáspora negra, e *Corra!* pode ser analisado e discutido do ponto de vista do homem negro e das relações raciais no Brasil. O filme funciona como metáfora para o espaço de subalternidade muitas vezes ocupado pelo homem negro em relações inter-raciais em sociedades racialmente hierarquizadas, como a brasileira. Homens negros que buscam sobreviver em contextos de hegemonia branca que não respeitam sua identidade podem acabar vendo a vida como passageiros, presos no próprio corpo.

Quando o texto afirma que um grupo tem mais poder em relação ao outro, é preciso lembrar que o poder nunca é absoluto (DIJK, 2005). Sempre haverá resistência



por parte dos dominados, e Corra! exemplifica resistências dentro da narrativa (os personagens negros em um mundo de hegemonia branca) e fora (um filme produzido em uma indústria cinematográfica dominada por diretores e roteiristas brancos).

O caso apresentado no filme, em forma de terror psicológico, de hierarquia baseada em cor/raça em relacionamentos inter-raciais é resultado de uma construção social racista, em que elementos de gênero e classe impossibilitam uma experiência plena de identidade negra. Em sala de aula as possibilidades para trabalhar a temática permitem momentos de reflexão sobre os espaços de negros e brancos no Brasil e em outros países da diáspora negra.

## Referências

- BENTO, Maria A. S. Branquitude: o lado oculto do discurso sobre o negro. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 147-162.
- CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria A. S. (Orgs.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 13-23.
- CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 73-97, jan.-abr. 2017.
- CUSTÓDIO, Túlio. Ser homem negro é um rascunho inconcluso e constante. **Huffpostbrasil**, 27 jan. 2017. Disponível em: <[https://www.huffpostbrasil.com/tulio-custodio-/ser-homem-e-negro-e-um-rascunho-inconcluso-e-constante\\_a\\_21695028/](https://www.huffpostbrasil.com/tulio-custodio-/ser-homem-e-negro-e-um-rascunho-inconcluso-e-constante_a_21695028/)>. Acesso em: 25 mar. 2018.
- DIJK, Teun van. **Discurso, notícia e ideologia: estudos na Análise Crítica do Discurso**. Tradução: Zara Pinto Coelho. Porto: Campo das Letras, 2005.
- DO RIO, Pedro S. Brasileiros casam-se mais com pessoas de mesma etnia e instrução, diz IBGE. **Bol Notícias**, 17 ago. 2012. Disponível em: <<https://noticias.bol.uol.com.br/brasil/2012/10/17/brasileiros-casam-se-mais-com-pessoas-de-mesma-etnia-e-instrucao-diz-ibge.jhtm>>. Acesso em: 28 mar. 2018.
- FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC., 1988.
- HOOKS, bell. Living to Love. In: PLOTT, Michele; UMANSKY, Lauri (Orgs.). **Making Sense of Women's Lives: An Introduction to Women's Studies**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2000, p. 535-544.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Violência 2017 mapeia os homicídios no Brasil**. Disponível em: <[https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30253](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253)>. Acesso em: 28 mar. 2018.
- MELO, João. Corra! (Get out) é o filme mais lucrativo do ano. **Heróis da TV**, 05 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.heroisdateve.com.br/corra-get-out-e-o-filme-mais-lucrativo-do-ano/>>. Acesso em: 28 mar. 2018.
- MOTTA, Leda T; FURASO, Márcia C. F. Cinema e Educação: reflexões e interfaces. **Comunicação & Educação**, ano XIX, n. 2, p. 39-49, jul.-dez., 2014.

- PEELE, Jordan. **Jordan Peele breaks down Get Out fan theories from Reddit / Vanity Fair.** **Youtube**, 01 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hBvcngHRTFg>>. Acesso em: 29 mar. 2018.
- PINTO, Márcia C. C; FERREIRA, Ricardo F. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 9, n. 2, p. 257-266, jul.-dez. 2014.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 73-117.
- RACIONAIS MC'S. Vida Loka II. **Nada como um dia após o outro dia**. Cosa Nostra, São Paulo, 2002.
- REIS FILHO, José T. **Negritude e sofrimento psíquico: uma leitura psicanalítica**. 2005. 142f. Tese (doutorado Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SANTOS, Joel R. **O que é racismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SANTOS, Wellington O. Identidade negra, relações étnico-raciais na diáspora e o filme Pantera Negra: para uma discussão educacional. **REU – Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, SP, v. 44, n. 1, p. 69 – 89, jun. 2018.
- SILVA, Paulo V. B. **Relações raciais em livros didáticos de língua portuguesa**. 2005. 228f. Tese (doutorado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- SOUZA, Neuza S. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
- TELLES, Edward. **Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.